

A RIQUEZA CULTURAL E MITOLÓGICA DO OESTE ESTADUNIDENSE¹

THE CULTURAL AND MYTHICAL WEALTH OF THE USAMERICAN WEST

Eloína Prati dos Santos²

RESUMO: Este trabalho apresenta um panorama da história da conquista e da colonização do oeste estadunidense que se estende do século XVII até o XXI. O levantamento perpassa as diferenças entre os vários períodos, onze estados e parte da diversidade humana. O faroeste – ou *Far West* – refere-se a um gênero cinematográfico e narrativo que em sua forma tradicional cobre apenas os acontecimentos do que hoje chamamos de “velho oeste”. A evolução de fronteira para região e pós região, no entanto, está registrada na literatura, na pintura, em filmes, bem como em inúmeros ensaios que acompanham a integração entre os europeus, as populações nativas, os imigrantes e as questões de identidade que continuam a fomentar e ao mesmo tempo revisar os mitos e estereótipos da região que estabeleceu tantos traços distintos da América no imaginário mundial.

PALAVRAS-CHAVE: Faroeste. *Western*. Fronteira. Região. Pós-regionalismo.

*O Oeste é a parte mais americana da América: o que equivale a dizer que é a parte onde os traços que distinguem a América da Europa se evidenciam no mais forte relevo.*³

Visconde James Bryce

Faroeste – uma tradução de *Far West* – refere-se a um gênero cinematográfico ou narrativo que fixou no imaginário popular das Américas, e do mundo, a vasta região oeste dos Estados Unidos. Representada como desértica, montanhosa, habitada por caubóis, índios e coiotes, palco de tiroteios, emboscadas, roubos de cavalos, enforcamentos, linchamentos, pontuada por cidadezinhas poeirentas encharcadas em uísque, a partir de relatos calcados nos estereótipos e mitos do século XIX consagrados pela cultura popular do século XX. As imagens disseminadas pela literatura popular, pelo cinema hollywoodiano e por séries televisivas, no entanto, revelam apenas uma pequena parte da rica e complexa história da diversidade e da riqueza cultural da região.

Na verdade, o mito da fronteira estadunidense como o “oeste selvagem” delineou-se na Europa do século XVI, uma vez que qualquer europeu chegado à região

¹ Uma parte deste ensaio, com ênfase na literatura e no cinema, aparece como o verbete “Faroeste” no *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas*, organizado por Zilá Bernd, Porto Alegre: EdUFRGS e Tomo Editorial, 2007, p. 270-277.

² UFRGS (eloinas@terra.com.br)

³ The west is the most American part of America: that is to say, the part where those fetures which distinguish America from Europe come out in the strongest relief. Viscount James Bryce, in *The American Commonwealth* (1888; 1978).

já a tinha sonhado como Éden, Eldorado, Cibola, ou uma passagem para a Índia, que estão entre as primeiras mitologias criadas na Europa e transplantadas para a América.

O oeste estadunidense compreende o sudoeste, a costa oeste e a fronteira (ao sul e ao norte), uma região que se estende por onze estados a oeste do rio Mississippi, cortados pelas Montanhas Rochosas: na costa do Pacífico, Washington, Oregon e Califórnia, e do outro lado das Rochosas, Montana, Idaho, Wyoming, Colorado, Novo México, Arizona, Utah e Nevada (Mapa 1). A cultura popular explora apenas aspectos do “velho oeste”, na verdade, o último oeste, introduzido no domínio estadunidense com a entrada do Texas na União (1845), da partilha do Oregon com a Grã-Bretanha (1846) e do Tratado de Guadalupe Hidalgo com a Espanha (1848).

A Conquista do Oeste

A história começa no século dezessete, quando *oeste* designava tudo que se situava além das Montanhas Apalaches. No século dezoito, já incluía os estados de Kentucky e Tennessee. E apenas no início do século dezenove avança até o Mississippi e estende-se até o Pacífico. Essa região de mais de 600 milhas só entre o Mississippi e as Rochosas, era toda conhecida como Louisiana -- do Golfo do México ao Canadá -- e havia sido comprada dos franceses em 1803, pois Napoleão precisava de fundos (15 milhões de dólares) para guerrear contra a Grã-Bretanha. A compra dobrou o território estadunidense da época. A região além da Louisiana era conhecida como Oregon e estendia-se do Alaska à Califórnia e era reclamada pela Rússia, Espanha e Grã-Bretanha, além dos Estados Unidos. A Rússia dominava o Alaska e a Espanha comandava a Califórnia, mas no Oregon estadunidenses e britânicos tinham supremacia e haviam estabelecido postos de troca a partir dos quais compravam peles de índios e caçadores europeus. Como os britânicos haviam estabelecido mais postos, os líderes estadunidenses começaram esforços para colonizar a área com fazendas de criação de gado, empreendendo uma árdua jornada de 2.000 milhas até a embocadura do rio Colúmbia, que ficou conhecida como a Trilha do Oregon. Apesar das enchentes, dos incêndios nas pradarias, dos acidentes, da fome e da disenteria, por 1843 uma "febre" do Oregon levou milhares de fazendeiros pobres do leste a migrarem para o oeste. Como em 1846 os Estados Unidos já estavam em guerra contra o México, o presidente James Polk propôs aos britânicos a divisão do território em duas partes quase iguais, na altura do paralelo 49 (hoje a fronteira canadense).

No sul, em 1836, os texano-americanos se rebelaram contra o México e na Batalha de São Jacinto tornam-se uma república independente. Mas em 1846 o exército estadunidense invade e derrota o México, ocupando A Cidade do México em 1847. Em 1848, o Tratado de Guadalupe Hidalgo dá fim à guerra e força o governo mexicano a reconhecer a fronteira do Rio Grande e a vender grandes partes de seu território aos Estados Unidos: a Alta Califórnia e o Novo México são entregues por 18 250 dólares. Alguns outros estados dessa região só se formarão no início do século XX (Mapa 2).

A época mais pitoresca da conquista do oeste foi sua primeira fase, conhecida como a corrida do ouro, entre 1848-1860, e a conseqüente criação dos mitos do Eldorado e do oeste como uma terra sem lei. A partir de 1848, quando John Marshall descobriu ouro em Coloma, na Califórnia, começou o deslocamento de exploradores para a região. São Francisco, que era um pacato porto, e Sacramento, o centro das atividades de prospecção, tornaram-se capitais ocupadas por mineiros vindos do leste e também do México, da China e da Europa. O que aconteceu na Califórnia, repetiu-se em outras regiões do oeste: em 1859 no Colorado e um pouco mais tarde no Arizona. Havia uma chegada em massa de aventureiros, exploração intensiva, decepção e partida. Muitas vilas e cidades foram fundadas para depois virarem cidades-fantasma, algumas ressuscitadas como atrações turísticas ou colônias de artistas no século XX.

Após 1865 o oeste finalmente começa a ser aberto à colonização, em um movimento que se chamou de "o fim da fronteira". Em aproximadamente 30 anos, os pioneiros fizeram sua aprendizagem do oeste -- a mineração, a criação de gado, a agricultura, a luta contra os índios – em uma era de muita violência e de culto à liberdade individual, que viu nascer muitos dos mitos que ultrapassaram as fronteiras nacionais, como o caubói ou Zorro. O filme e a literatura se encarregaram de criar histórias de caçadores, de pioneiros, de pilotos de vapores, de soldados da cavalaria, de missionários, de professores, de artistas e de índios.

Depois do término da Guerra Civil inicia-se a doação de terras a colonos, a partir do *Homestead Act* (1862), e o incentivo à construção de uma ferrovia transcontinental. Qualquer cidadão americano ou imigrante maior de 21 anos, e veteranos de guerra, podiam requisitar ao governo federal um lote de terra por cerca de vinte ou trinta dólares, gerando uma mobilização de 2 milhões de pioneiros, enquanto outros 7 milhões se estabeleceram na região por outros meios.

Desde a viagem de exploração entre 1806 e 1807, Lewis e Clark haviam estabelecido a importância do rio Mississippi, que chegava ao coração das Rochosas e

permitia ligações com outros rios importantes, o Snake, o Colúmbia, e acessos ao Oregon. A disposição natural de seus afluentes também fez dele a rota ideal para essa penetração do oeste. O Missouri a norte, o Arkansas a centro, o Vermelho ao sul, constituíam acessos às Rochosas e ligavam as montanhas ao Oregon através do Snake e do Columbia. E o barco foi o primeiro meio de transporte para o oeste.

Os primeiros deslocamentos pela região foram feitos em vapores derivados dos barcos do Mississippi, com cascos achatados para vencer os bancos de areia e poderosas caldeiras. As tripulações eram compostas de cerca de 50 homens, dois terços deles afro-americanos, encarregados da cozinha e do carregamento e suprimento das embarcações. Os pilotos, mecânicos, contra-mestres e foguistas eram, em geral, europeus ou euroamericanos. As viagens eram feitas somente nos meses de verão e durante o dia, e entre as poucas distrações a bordo estavam beber e jogar pôquer.

Já os pioneiros carregavam todos os seus bens em carroções, se organizavam em comboios e empreendiam longas e perigosas viagens de 1.500 quilômetros, escolhendo entre as várias trilhas: *Oregon Trail*, *Califórnia Trail* e mais tarde *Mormon Trail* ou *Santa Fé Trail*. Entre os perigos estavam os ataques de índios, os acidentes, a disenteria, a fome. Usavam carroças de quatro rodas, carregadas com cerca de duas toneladas de suprimentos, e puxadas por oito mulas ou, mais comumente, bois, agrupados em "trens" de 25 carroças, em jornadas que duravam meses.

Serviços regulares de diligências transportavam pequenas encomendas e até nove indivíduos em percursos de até 4.500 quilômetros, com paradas para a troca de parselhas de cavalos e entrega de correspondência. Foi em uma dessas diligências que Mark Twain fez a travessia para tentar a sorte em Virginia City, aventura que resultou em *Roughing it* (1872). Mesmo com o advento das estradas de ferro, as diligências ainda serviram por muito tempo os vazios da malha ferroviária, atendendo ranchos, campos, colônias agrícolas e pequenas cidades.

Para vencer a lentidão dos pesados carros puxados por seis cavalos, introduziu-se no oeste em 1860 um serviço de correio rápido, a cavalo, chamado de *pony express*. Cada cavalo percorria de 80 a 130 quilômetros transportando a mochila do correio. Era uma honra ser escolhido para o serviço e algumas figuras legendárias do oeste começaram aí suas carreiras, como William Cody, que ficou conhecido como Buffalo Bill.

Em 1862 duas companhias receberam generosas concessões de terras para a construção de ferrovias: a *Central Pacific Railroad*, de Sacramento à fronteira da

Califórnia e Nevada, e a *Union Pacific Railroad*, de Omaha, Nebraska, ao limite ocidental de Nevada. Para a construção da *Central Pacific* foram trazidos milhares de *coolies*⁴ chineses.

A estrada de ferro trouxe, enfim, a chamada "pacificação do oeste", possibilitando viagens de Nova York a São Francisco em sete dias, levando camponeses, artesãos, operários, transportando material de construção, escoando a produção da região para o leste. Ao final do século XIX, havia cinco linhas transcontinentais e a travessia do continente deixara de ser uma aventura. George Pullman havia imaginado um sistema engenhoso de assentos reclináveis que transformavam os vagões em leitos à noite. A Companhia Pullman oferecia toalha de rosto, sabonete, pente, espelho e outras amenidades. Em cada vagão havia um funcionário afro-americano para carregar malas, oferecer bebidas, lustrar sapatos e escovar roupas. E havia reservatórios de água gelada em todos os vagões.

As estradas de ferro atraíram para a região um grande número de imigrantes estrangeiros: suecos, noruegueses, alemães e irlandeses encontravam áreas semelhantes aos seus países de origem no oeste. Essa abertura tornou o oeste mais acessível, integrou-o ao contexto nacional e converteu-o em pólo de atração para estadunidenses e estrangeiros.

As Cidades

Desde o começo do deslocamento para o oeste, começaram também a surgir na região tipos variados de cidades, uma fronteira urbana, que no século XIX exercia grande atração sobre os pioneiros. A partir de 1820, quando a população estadunidense aumenta rapidamente, começa a observar-se um aumento da população urbana maior do que o da população rural, que convergia para as cidades para mitigar o isolamento, o desgaste físico e a monotonia das minas, criações de gado e plantações nos bordéis, bares, restaurantes e lojas.

A cidade mais antiga do oeste é Santa Fé, na Califórnia, fundada pelos espanhóis em 1609, construída como uma fortificação francesa, com uma praça central, e largas ruas paralelas cruzadas por ruas estreitas e cercadas de muralhas. As cidades espanholas eram *missiones*, para as ordens religiosas e os índios convertidos, *presidios*, para as atividades militares, e *pueblos* para os imigrantes civis, o comércio, o artesanato.

⁴ Coolie é uma denominação geral usada para trabalhadores asiáticos não-especializados e provém dos chapéus cônicos usados por eles.

Algumas cidades eram ao mesmo tempo presídios e missões, como São Diego, São Francisco e Santa Bárbara. A corrida do ouro transformou São Francisco na metrópole do Pacífico e fez suplantá-la a capital administrativa espanhola, depois mexicana, Monterrey.

A abertura gradativa do oeste havia dado origem a cidades-etas ou cidades-entrepostos, como portos de baldeação dos rios Mississippi, Missouri, Columbia ou Snake, as mais conhecidas sendo Saint Louis, Kansas City, Omaha e Portland. Havia também grandes portos na costa oeste: além de São Francisco, Seattle, fundada em 1851, inicialmente como um pólo madeireiro, se desenvolve mais tarde, com a chegada da estrada de ferro e a descoberta de ouro na península de Yukon, no Canadá, e no Alaska. As cidades que mais aparecem reproduzidas nos faroestes eram fortes construídos por companhias particulares ou pelo exército para garantir a segurança dos pioneiros. Eram simples barracos de madeira cercados por paliçadas, como *Fort Sutter*, hoje Sacramento.

As estações ferroviárias também deram origem a muitas cidades no oeste, como Cheyenne, fundada pela *Union Pacific* em 1867, vários meses antes da chegada dos primeiros trens. Conhecidas como *cow towns*, eram pontos de contato entre uma trilha e um terminal ferroviário, como Abilene e Dodge City, e poucas prosperaram. Também efêmeras foram as cidades mineiras. A cidade de Mark Twain, Virginia City, foi fundada em 1859 e consta que suas ruas eram mais movimentadas que Broadway e Wall Street, na Nova York da época. Após 1870 as minas começaram a se esgotar e muitas dessas cidades viraram cidades fantasma, para renascerem como centros turísticos ou cenários de faroestes.

Algumas cidades escapam toda e qualquer classificação. O caso mais singular é Salt Lake City, inteiramente concebida por Brigham Young, líder dos mórmons, para manter seus adeptos isolados de qualquer contato com outras culturas. E houve também cidades imaginárias, inventadas por golpistas para atrair pioneiros e divulgadas em vistosos panfletos, como, Viena, Kansas, ou Nova Babilônia.

As cidades do oeste eram traçadas como uma grelha, com grandes eixos paralelos e ruas perpendiculares mais estreitas. Enquanto na Nova Inglaterra, as cidades eram dispostas ao redor de uma área verde, com hotel, escola e templos de diversas seitas, no oeste o centro era uma rua, a famosa *Main Street*, com exceção do oeste das Rochosas, onde a influência espanhola também construiu ao redor da *plaza*, como Carson City, hoje Nevada. Não eram muito atraentes as cidades do oeste: ruas largas,

não pavimentadas e sem arborização, eram infernos de poeira no verão e de lama no inverno. Não havia calçadas; em algumas cidades alguns passadiços apareciam na rua principal diante de lojas e hotéis. As casas em sua maioria eram meras tendas ou cabanas de lona e de madeira, ou de *adobe*, argila secada ao sol, um produto típico da região, introduzido no Novo México pelos espanhóis. Os estabelecimentos comerciais, no entanto eram prósperos e podiam surpreender: comida francesa ou chinesa, jornal, engraxates, cabeleireiros, casas de banho luxuosas, hotéis de 300 quartos, ou 500 lojas de uísque, estavam disponíveis em uma Virginia City de 10 mil habitantes, em 1869, segundo narrativa do inglês Charles Dilke.

O coração das cidades era a *Main Street* ou a praça, onde ficavam a Igreja, os hotéis, as lojas, a administração municipal, o presídio, o *saloon*, o jornal, o banco. Entre os estabelecimentos notáveis estava a *General Store*, onde se vendia de tudo: uísque, jeans, botões, selas, facões, ferramentas, tecidos. Os alimentos se alinhavam nas mercearias. O correio era um lugar muito freqüentado, bem como o ferreiro e as estrebarias; as cidades melhores possuíam uma farmácia, onde se preparavam poções e medicamentos à base de álcool. Havia uma profusão de restaurantes, de *saloons* e de prostíbulos (uma das raras oportunidades de "trabalho" para as mulheres que migravam para a área), lojas de bebidas e casas de jogo. O teatro desempenhava uma importante função de entretenimento e neles se apresentavam companhias ambulantes ao preço de um dólar.

Outra característica das cidades do oeste era a diversidade religiosa e não era incomum encontrar meia dúzia de templos diferentes na mesma rua: presbiteriano, batista, metodista, episcopal, congregacionalista ou católico. A maioria das cidades possuía uma ou mais escolas, algumas religiosas, mas elas em geral apareciam muito tempo depois dos *saloons* e dos bancos.

Se muitas cidades do oeste estagnaram ou desapareceram, outras tantas prosperaram e tornaram-se famosas. Denver, por exemplo, já no final do século XIX possuía ruas bem iluminadas, bondes e grandes edificações.

Diversidade Humana

O oeste distinguiu-se dos demais territórios estadunidenses por sua menor concentração populacional combinada com uma grande diversidade étnica. A região espalha-se em um conjunto de planícies, planaltos e montanhas, uma região árida e dotada de flora e fauna específica, climas extremos no verão e no inverno, ventos,

período vegetativo curto, tempestades de areia, pragas de gafanhotos e outros obstáculos a uma colonização rápida e fácil. Além disso, a história de sua ocupação foi marcada pela violência que impregnava a vida cotidiana.

É a região onde se encontra a maior parte da população indígena do país, intimamente ligada à vida do "velho oeste", principalmente na segunda metade do século XIX quando as nações indígenas se encontraram comprimidas contra as Montanhas Rochosas e com seus hábitos tribais totalmente transformados. Entre 1865 e 1890 travou-se um conflito incessante entre os índios e os vários tipos de colonizadores da região, que acabaria com a derrota dos povos nativos e sua marginalização dentro da sociedade estadunidense. Exceto em alguns massacres de triste fama, como Sand Creek e Wounded Knee, os enfrentamentos eram constantes e travados por algumas centenas de indivíduos de ambos os lados e para a maioria das nações ameríndias, a modificação de seus hábitos e habitat após 1865 foi a verdadeira batalha. Liberado com a derrota da Confederação após a Guerra Civil, o exército passou a se dedicar totalmente às missões no oeste, acentuando a repressão iniciada pelos colonizadores contra os povos nativos. Mas desde os séculos XVI e XVII os nativos locais mantinham contato com espanhóis no sudoeste, franco-canadenses no noroeste, espanhóis e ingleses na costa do Pacífico que renderam modificações significativas de seus hábitos, principalmente a introdução do cristianismo, do álcool, do cavalo e das armas de fogo. Tanto os jesuítas quanto os missionários franceses e as seitas protestantes estabeleceram missões e promoveram conversões que levaram a práticas religiosas sincréticas. O álcool levou as tribos a uma rápida degeneração, pois o estado de embriaguez era considerado um facilitador do contato com os espíritos ancestrais. Já os cavalos e as armas de fogo, obtidos em trocas, roubos, ou em negociações com o Departamento de Assuntos Indígenas, contribuíram para a conquista das planícies e das Montanhas Rochosas, transformaram seus hábitos de caça e os tornaram grandes guerreiros. Além das migrações forçadas e das batalhas, muitas tribos foram dizimadas por doenças contagiosas, epidêmicas e venéreas para as quais não possuíam imunidade.

Neste aspecto também, o cinema se encarregou de mudar o colorido dos fatos, destacando cenas de ataques maciços do exército e emboscadas planejadas por sioux ou apaches. Os filmes em geral acentuavam as atrocidades dos índios e contribuíram para apagar a enorme variedade cultural das tribos na região que incluía ainda pueblos, navajos, pés negros, delawares, cherokees, choctaws, creeks, seminoles, compondo uma população de mais de 75 mil indivíduos. Vários povos nativos foram sendo empurrados

para a região, vindos do norte e do leste, de áreas mais úmidas, mais arborizadas, menos secas, à medida que a conquista do oeste avançava.

Entre os não-nativos, os mineiros foram os primeiros a se estabelecerem na área, a partir de 1848, quando John Marshall iniciou a corrida do ouro com a descoberta do metal em Coloma. Dezenas de milhares de mineiros procedentes do leste, do norte, da Europa, do México e da China passaram a estabelecer acampamentos com sugestivos nomes: *Angel's Camp*, *Whiskey Flat*, *Roaring Camp*, *Poker Flat*, *French Gulch*, alguns dos quais mais tarde aparecem em títulos de obras literárias sobre a região.

A primeira corrida do ouro (1848-1849) promoveu o povoamento de uma faixa entre a costa da Califórnia e a face ocidental de Serra Nevada e, a médio prazo, a ocupação de todo o oeste. A exploração do ouro atingiu seu ápice em 1855 e daí começou a declinar até o final do século. Esse ciclo repetiu-se em outras áreas do oeste e também com outros metais, como a prata e o cobre. Ouro foi descoberto em 1859 no Colorado, em Black Hill em 1870, e pouco depois no Arizona, com a repetição dos mesmos cenários: chegada de aventureiros em massa, disputa violenta pelas licenças de exploração, exploração intensiva, muitas decepções, e a partida.

O oeste não era o Eldorado e iniciativas isoladas não dispunham da tecnologia necessária para a exploração de filões subterrâneos; era preciso conhecer o solo, a tecnologia e possuir capital. Aconteceu ao mineiro o mesmo que ao caubói: o personagem heróico, quase lendário, tornava-se um assalariado como outro qualquer quando as jazidas superficiais se exauriam e os filões subterrâneos de ouro e prata passavam a exigir grandes investimentos e técnicas avançadas de extração.

As características geográficas e climáticas do oeste não deveriam atrair colonos, mas entre 1870 1890 eles começaram a chegar ao reino dos caubóis. Além da lei do *Homestead*, a maior parte dos obstáculos à agricultura na região começavam a ser superados com técnicas de irrigação e de perfuração de poços, o aeródinamo -- uma variação moderna do moinho de vento -- e a invenção do arame farpado, que permitia cercar as propriedades em uma região de pouca madeira, e manter fora delas o gado que viajava pelas pradarias.

A experiência dos colonos foi das mais difíceis dentro da região. Sem a mobilidade dos caçadores, mineiros e criadores de gado, os colonos penaram com o sol escaldante, os ventos gélidos, as nuvens de gafanhotos, as dívidas, e a violência circundante. Só muito mais tarde, em *Vinhas da ira* (1939) John Steinbeck descreveu à altura essas sofridas experiências. Houve sucessos, mesmo com tantas adversidades, e

milhares de hectares foram abertos ao cultivo do trigo e do milho que garantiram aos Estados Unidos grandes riquezas e progresso, interna e externamente.

Após esse necessário e simplificado panorama histórico, na impossibilidade de abordar de forma total todas as implicações culturais do faroeste devido à sua vasta abrangência, percorreremos três conceitos estabelecidos por Richard Etulain, de fronteira, região e pós-região, e três tipos de representação, o filme, a literatura – com ênfase em romance e conto – e a pintura. Como já se evidenciou no apanhado histórico, ficaremos no âmbito dos Estados Unidos, embora seja possível estender as repercussões do faroeste ao México e ao Canadá.

Fronteira, Região e Pós-Região

Richard Etulain nos fornece uma útil distinção entre os termos “fronteira” “região”, e nos introduz a “pós-região”. O termo fronteira – *frontier* – refere-se à experiência dos recém chegados ao oeste e seu confronto com novos cenários e novas populações e seus relatos que indicam a necessidade de adaptação a novas experiências sócio-culturais. Essa noção é de uma fronteira fechada e em processo de desaparecimento à medida que é desbravada. Ironicamente, os mesmo inventores da “fronteira oeste”, ao exaltarem seu espírito pioneiro entusiasticamente, atuavam como forças de destruição da região ao introduzirem rápidas mudanças sócio-culturais “civilizatórias”. A partir da década de 1920, terminado o ciclo de conquista e transformação, uma outra visão define o oeste como uma “região”, focalizando suas atenções no oeste e não no movimento para o oeste, e retratando as várias sub-regiões e suas diversas culturas. Nos anos entre as duas guerras mundiais, toma forma um regionalismo que reporta as mudanças culturais perceptíveis no meio oeste e no sudoeste. Depois das transformações conseqüentes à Segunda Guerra Mundial e aos movimentos por direitos civis da década de 1960, o oeste começa a emergir como uma “pós-região” que desafia as imagens de fronteira e supera a ênfase regional. A influência do local sobre a personalidade e caráter locais cede lugar aos diferenciais de raça e etnia, gênero e a um novo ambientalismo como elementos determinantes.

Primeiras Representações

Os primeiros euroamericanos a chegarem ao oeste em grupos organizados foram os puritanos da Nova Inglaterra, que contribuíram para a idéia da fronteira como um local selvagem, infestado de demônios e povos bárbaros. Quando circunstâncias

econômicas os fizeram migrar, suas narrativas representaram a árdua jornada e o contato com as populações locais como testes espirituais. O conteúdo dessas narrativas foi perdendo seu conteúdo espiritual e passando a exaltar militares e caçadores como “heróis civilizadores”. Durante a primeira metade do século 19, vários mitos foram construídos sobre a necessidade de “civilizar” e “domesticar” o oeste selvagem, uma estereótipo que sustentou a maior parte do planejamento federal para a região e deu origem a muitos escritos sobre a necessidade de “salvar” os territórios a oeste do país pela infusão de líderes religiosos e educadores do nordeste, alguns dos quais tornaram-se tão famosos quanto alguns caubóis.

A representação do oeste selvagem era de dois tipos predominantes, uma celebrava figuras históricas e heróicas e outra criava tipos lendários oriundos da tradição oral. Buffalo Bill, por exemplo, começou sua carreira como um dos cavaleiros do *pony express*, foi caçador de búfalos, lutou contra índios e finalmente montou o Wild West Show, que dramatizava todos os mitos sobre uma fronteira oeste que ia ficando no passado: ataques a diligências, truques de montaria, tiroteios, lutas com índios, e promovia outras figuras lendárias, como o Cacique Touro Sentado e Annie Oakley, a Miss Tiro Certo. O sucesso do show o levou em turnês por todas as regiões dos Estados Unidos e a alguns países europeus, perdurando até meados de 1930. Billy the Kid, por outro lado, foi admirado como a figura ambígua que teria matado um sujeito mau para cada um de seus curtos 21 anos de vida. A lista de personagens originados nessa zona nebulosa entre a realidade e a imaginação encheu milhares de páginas e quilômetros de celulóse entre o fim de século 19 e as primeiras décadas do século 20 e deu origem a vários outros heróis mitológicos do final do século XIX e início do XX: o lenhador gigante Paul Bunyan e seu companheiro Babe, o Boi Azul, ou Pecos Bill, o super caubói.

Embora um censo oficial tenha declarado “o fim da fronteira” em 1890, vale a pena retroceder no tempo a um oeste retratado em relatos orais, cartas, diários de viajantes, exploradores, cientistas, caçadores e outros tipos que retrataram um oeste mais real. A primeira dessas fontes é a tradição oral dos povos ameríndios, habitantes do continente há cerca de trinta mil anos, que já cantavam as glórias de sua terra muito antes de Colombo se pôr ao mar. Alguns de seus cantos e histórias sobrevivem e inspiram escritores contemporâneos.

Muito antes dos diários de Lewis e Clark, exploradores europeus haviam registrado relatos de Colombo e seus marinheiros. Esses primeiros europeus trouxeram

noções pré-concebidas da América e absolutamente ambíguas: éden ou inferno selvagem, uma estranha vastidão onde as mentes civilizadas podiam se deteriorar e cair ao nível do canibal. Álvaro Núñez Cabeza de Vaca viajou pelo sudoeste em 1530 e as narrativas desta aventura apareceram na imprensa europeia em 1542. Outros exploradores espanhóis menos famosos que publicaram suas impressões do oeste estadunidense foram Marcos de Niza (1539), Coronado (1540), Rodriguez-Chamuscado (1581), Espejo (1582), Castaño de Sosa (1590) e Humana-Bonilla (1594). O ano de abertura da Trilha de Santa Fé, 1610, foi testemunha da crônica poética *História do Novo México*, de Gaspar Pérez de Villagrà, e vinte anos depois do *Memorial* do Frei Alonso de Benavides. A presença espanhola na costa da Califórnia só foi precedida pela breve viagem de Sir Francis Drake em 1579, e muito antes da Revolução Americana uma seqüência de *missiones* estendia-se até São Francisco e os relatos espanhóis eram conhecidos muito antes da aquisição do Território da Louisiana. Embora prosaicos esses primeiros relatos espanhóis e franceses oferecem ao pesquisador o charme do relato em primeira mão.

Todos os primeiros relatos, muitos deles científicos ou filosóficos, demonstram a dificuldade em descrever a vastidão e o estranhamento da área nas linguagens europeias de seus autores, e já incluem um novo jargão afetado pelas hipérboles criadas por aventureiros, caçadores, soldados, aristocratas. Entre os primeiros, o mais famoso é o relato oficial de Meriwether Lewis e William Clark, contratados pelo presidente Thomas Jefferson, um cientista amador, para uma expedição que tenta classificar e mensurar a região. *Os diários de Lewis e Clark* foram expandidos e precisados pelos estudos históricos de Donald Jackson e o estudo científico de Paul Russel Cutright Dale Morgan também contribui com seu exaustivo *Jediah Smith e a abertura do oeste*.

Para uma primeira leitura, a versão resumida dos diários feita por Igvard Henry Eide, *Uma Odisséia Americana: Os diários de Lewis e Clark* (1969) é um excelente ponto de partida. Eide acrescenta a seu resumo dos diários, passagens escritas por outros membros da expedição e uma “crônica fotográfica”, com fotos tiradas por ele em uma réplica da aventura original que reproduz as descrições até nas estações do ano, hora do dia e condições climáticas.

Uma edição mais famosa é a de Bernad DeVoto, um filho das Rochosas que produziu três volumes históricos sobre a região: *The year of decision: 1846* (1943), *Across the wide Missouri* (1947), e *The course of Empire* (1952) e seu interesse pela região culminou com a inevitável edição de *The journals of Lewis and Clark* em 1953,

depois de ter usado trechos da obra em *Course of Empire*. DeVoto incluiu nos Diários trechos de militares da expedição, como Whitehouse e Ordway, Gass e Floyd, todos os trechos relevante sobre a flora e a fauna, e as descrições sobre a vida dos indígenas.

A cuidadosa edição de E.N. Fletskog faz das nove edições de *Oregon Trail*, de Francis Parkman, é uma obra prima de pesquisa e demonstra como a exuberância e o prazer dos primeiros relatos cede lugar a revisões mais objetivas e menos pessoais. Parkman ruma para o oeste com menos de 23 anos e, saído de Harvard para uma *tour* de “curiosidade e diversão”, produz retratos desfavoráveis dos índios.

Com o estudo histórico de John Wesley Powell da árida *Plateau Province*, que tornou-se conhecido como “a segunda abertura do oeste”, sete décadas após Lewis e Clark, e com a descoberta do último rio desconhecido, o Escalante, e das últimas montanhas desconhecidas - Henry Rang - são removidos os últimos espaços em branco do mapa do oeste.

Nas sete décadas entre Lewis e Clark e Powell, centenas de livros notáveis foram produzidos por e sobre montanhistas, artistas, exploradores, cientistas, caçadores que descrevem o oeste e seus 71 anos de exploração. Entre esse grande número, é indispensável mencionar a figura de Sacagawea, que rende inúmeros escritos, a maioria sentimentais e fantasiosos, até a publicação de uma cuidadosa biografia documentada sobre “a mulher indígena” presente nos relatos de Lewis e Clark: *Sacagawea of the Lewis and Clark Expedition* (1980), de Ella. E. Clark e Margot Edmonds. Essa biografia traça o rapto da menina aos onze anos, o filho que gerou durante a expedição, e sua intervenção para que Lewis e Clark fossem bem recebidos e tivessem a cooperação de algumas tribos indígenas. E também a outra figura feminina, Susan Shelby Magoffin, que oferece uma dos melhores relatos sobre o comércio ao longo da Trilha de Santa Fé, *Down the Santa Fe Trail and into Mexico* (1926), que relata sua aventura dos anos 1846 e 1847. Uma jovem acostumada ao conforto e à riqueza, Magoffin casa aos 18 anos e segue para o oeste em uma carruagem, com empregados, livros e um cão, onde escreve um diário muito pessoal sobre suas reações ao povo e aos costumes locais. Uma das primeiras mulheres "civilizadas" a viajar pela Trilha de Santa Fé, Magoffin, elogia as boas maneiras dos novo-mexicanos, mas censura o comportamento “indecoroso” das mulheres locais que fumam, mostram colos e braços e levantam saias para cruzar arroios.

A Fronteira Oeste

1846 foi um ano decisivo e marcou outra divisória na história do oeste: a guerra com o México, a migração mórmon e a corrida do ouro forneceram muitas histórias e personagens fantásticos, e novos jargões para ocupar escritores de várias gerações. Muitas dessas histórias se repetiram durante o *boom* da mineração, as ondas de imigrantes, as guerras com os índios, a construção das estradas de ferro e os barões do gado.

A história do “velho oeste” é tão rica, que grande parte da literatura do oeste focaliza esse período épico: histórias do velho oeste e do homem branco. Segundo Wallace Stegner (1969), em seu grande ensaio "História, mito e o escritor do oeste" (*The sound of mountain water*, 1969), foram exatamente sua grande diversidade geográfica e étnica e a enxurrada de *pulp fiction* que congelaram em fórmulas e mitos petrificados essa diversidade e colorido.

Mesmo assim, pela metade do século XIX já nascia uma literatura significativa das penas de Bret Harte, Ambrose Bierce ou Mark Twain, entre outros, tornando a baía de São Francisco um centro literário à altura de algumas cidades um século mais velhas na costa leste. Universidades foram fundadas, surgiram revistas. Em 1890, por ocasião da batalha de Wounded Knee e o fim das guerras com os índios, as universidades da Califórnia, Colorado, Oregon e Washington já funcionavam há cerca de 25 anos.

No período de 1820 a 1840 três renomados escritores do nordeste estadunidense fazem incursões pelo oeste e publicam livros notáveis sobre a região: James Fenimore Cooper cria o notável herói Natty Bumppo, uma das mais renomadas figuras da fronteira e de sua coleção de cinco romances, *The Leatherstocking Tales*. Washington Irving, durante visita de um mês a Oklahoma, produziu muitas notas que deram origem a *A tour of the prairies* (1835), *Astoria* (1836) e *The adventures of Captain Boneville* (1837), obras que estabelecem cuidadosa diferença entre os rudes fronteirços e seus sofisticados companheiros do nordeste. Parkman cultivou um culto à masculinidade, também presente na obra de Theodore Roosevelt, Wister e Remington, mas sua representação de índios e fronteirços produziu o clássico *The Oregon trail* (1849), uma preconceituosa versão bostoniana sobre o oeste. Pela data do início da Guerra Civil nos Estados Unidos, pode-se constatar que a literatura e a história do oeste haviam estabelecido padrões reconhecíveis, registrados por um olhar de fora, que revelava uma

forte ambivalência entre a apreciação pela amplitude da paisagem e a liberdade, e a rejeição das características da vida sócio-cultural da região.

Após o término da Guerra Civil, no entanto, escritores com uma experiência mais extensa do oeste começam a retratá-lo. Em 1865 Mark Twain publica em Nova York "The celebrated jumping frog of Calaveras County" e Bret Harte publica seus contos na Califórnia; ambos são imediatamente aclamados como as novas vozes do oeste. O que eles destacavam era o "local" (ficaram conhecidos como *local-colorists*), os costumes e o dialeto, afastando-se das versões românticas e abraçando um maior realismo, escrevendo sobre prostitutas e jogadores, rudes mineiros e fronteiriços. Esses tipos, no entanto, receberam corações de ouro e boas intenções debaixo de sua vulgaridade, comprometendo um pouco o realismo para agradar ao público leitor e aos editores do nordeste.

A baía de São Francisco foi o centro do *local-colorism* e contava com vários jornais e revistas literárias de destaque na década de 1860 onde eram publicados muitos relatos cômicos sobre a vida nas minas e no campo, como os eternamente antologizados "The luck of Roaring Camp" e "The outcasts of Poker Flat", de Bret Harte, e *Roughing it* (1872), de Mark Twain. Eles foram seguidos pelos recém-chegados Frank Norris e Jack London, que logo se tornaram grandes ícones literários da região. Nomes de primeira linha até hoje na historiografia literária dos Estados Unidos, esses autores ainda deviam sua inspiração às tradições literárias européias e do nordeste estadunidense, como Dickens, Robert Louis Stevenson e Nathanael Hawthorne.

Embora a "fronteira" tivesse deixado de existir e muitas áreas além do meridiano 100 bem antes de 1890, este foi um ano decisivo na história do oeste, pois divide o Velho Oeste do novo. A região entra o novo século com um passado rico e colorido, e com uma fortuna literária considerável. Para dar conta das muitas figuras heróicas e lendárias, surgem as *dime* e *nickel novels*, romances baratos publicados em papel pardo (*pulp fiction*), que entre 1860 e 1890 tornou populares muitos escritores, a maioria do nordeste estadunidense, que vicejaram às custas das aventuras estereotipadas sobre uma região que conheciam pouco.

Entre 1890 e 1920, muitos escritores e artistas retrataram o oeste estadunidense como uma fronteira com características físicas, sócias e culturais muito distantes da costa leste, onde ocorriam grandes mudanças que ameaçavam faze-las desaparecer. As narrativas, em geral com traços autobiográficos, centravam seu foco em personagens recém chegados ao oeste e o confronto com o oeste selvagem. O mais famoso deles,

sem dúvida, é Owen Wister. Nascido na Filadélfia e educado em Harvard, ele estabelece a muito imitada fórmula de narrar picarescamente a difícil adaptação ao oeste. Seu romance mais popular, *The Virginian* (1902), dedicado ao Presidente Roosevelt, tem os arquétipos ali lançados imitados à exaustão por seus contemporâneos e tornou-se aquele oeste descrito nos textos históricos de Frederic Jackson Turner e Frederic Paxson, nas ficções de Zane Grey e Louis L'Amour, retratado pelos pincéis de Frederic Remington e Charles Russel, e mais tarde visto nos filmes de John Ford e John Wayne. Outros nomes importantes são: Mary Hallock Foote, que projetou suas frustrações femininas em um oeste estranho e não civilizado; Frederic Logan Paxson, que se aclimata rapidamente e abraça a história da fronteira; Frederick Jackson Turner, para quem a fronteira era o espaço onde agricultores e pioneiros modelavam a democracia e o individualismo; Jack London, Frank Norris, Zane Grey e o pintor Charles Russell, mais adaptados à região, o oeste apresentava uma variedade de rostos animados com suas possibilidades anti-modernas de escape das pressões da urbanização e da industrialização da costa leste e para lamentar os sinais do “fim da fronteira”.

Igualmente importantes na representação da fronteira oeste foram os pintores que começaram a chegar à região nos séculos XVI e XVII com o objetivo de mostrar os habitantes, a flora e a fauna da região aos europeus. Como para os escritores, o oeste para esses artistas foi uma fusão da sua bagagem cultural com os cenários ali encontrados, produzida das mais variadas maneiras. George Catlin, Karl Bodmer e Alfred Jacob Miller foram os primeiros a pintar retratos dos nativos. Catlin visitou índios das planícies e é conhecido por suas imagens detalhadas e simpáticas dos índios do sudoeste. Bodmer, em jornada memorável ao alto Mississipi entre 1833 e 1834, em companhia do Príncipe Maximiliano de Wied Neuwied, enfrentou o frio extremo para retratar cenas de batalha entre os Assiniboine-Cree. O artista americano Jacob Miller dedicou-se aos povos das montanhas e usou seu treinamento nas artes românticas européias para retratar caçadores, índios e cenários magníficos. O artista alemão criado nos Estados Unidos, Albert Bierstat, fascinado com a Califórnia e Yosemite, treinado no sublime e no pitoresco, produziu enormes óleos sobre as Rochosas e Yellowstone a partir de 1866. Thomas Moran, um discípulo de Turner, após uma expedição a Yellowstone em 1871-72, revela a influência do mestre no uso das cores com que retratou amanheceres e pores de sol. Moran foi um dos artistas que, como o fotógrafo William Henry Jackson, ajudaram a tornar área um parque nacional.

O Oeste Regional

Enquanto Hemingway, Fitzgerald e outros representantes da “geração perdida” procuravam respostas para os males da Primeira Guerra na Europa, um grande número de escritores e artistas voltava-se para preocupações intra-regionais, ao sul e a oeste. Nos anos 1920 a 1930 cresceu o sentimento de que o oeste não vivia mais seus padrões não-urbanos de vida pioneira, mas concentrava-se no redirecionamento de seus centros urbanos inchados por ondas de imigrantes. Essa preocupação da origem a um manifesto cultural, *I'll take my stand* (1930), sobre o estado pós-fronteira, ou estágio regional de suas experiências. Willa Cather, H.L. Davis, John Steinbeck, e outros, remexeram experiências do meio oeste, do Pacífico Norte, da Califórnia. Walter Prescott Webb, Bernard DeVoto e James Malin fizeram o mesmo pelo Texas, as Rochosas e Kansas. Os artistas Thomas Hart Benton, Grant Wood e John Steuart Curry exploraram Missouri, Iowa, Kansas em dúzias de quadros. As questões que intrigavam esses regionalistas eram, por exemplo, como a relação entre o ambiente físico e seus residentes humanos dava origem a identidades regionais ou sub-regionais. Ou se os *westerners* eram diferentes dos demais estadunidenses. A escritora sulista Mary Austin julgava necessário investigar, analisar e celebrar tradições folclóricas regionais como antídotos à desorientação social e às mudanças psicológicas da década de 1920. Webb e DeVoto acreditavam necessário entender sua região para protegê-la do imperialistas do leste. Nesse período entre guerras, o oeste é re-inventado e o foco muda para as fundações de uma nova identidade cultural que eles pudessem defender, deixando para trás os recém chegados, os caubóis e índios do velho oeste.

Pós-regionalismo

A Segunda Guerra e os movimentos pelos direitos civis que afloram nos Estados Unidos na década de 1960, mudanças dramáticas ocorrem no oeste, causando uma mudança do período regionalista para o que Eutalian denomina de pós-regionalista. Pearl Harbor foi provavelmente o incidente mais importante para o oeste depois da corrida do ouro, causando grandes movimentos populacionais e mudanças que continuam a ocorrer até hoje. Na década após 1940, estima-se que 8 milhões de estadunidenses e estrangeiros tenham invadido o oeste estadunidense, mais de um terço instalando-se na Califórnia, geralmente em centros urbanos. Bases militares britaram ao longo da costa oeste, de Seattle a São Diego, da Califórnia ao Texas, abrindo empregos e promovendo expansão econômica. Jovens indígenas e hispânicos que haviam servido

nas forças armadas retornavam com idéias novas sobre seus vilarejos e buscavam empregos nas cidades, enquanto milhares de famílias afro-americanas também migraram para o oeste em busca de empregos relacionados à indústria bélica, mudando a composição étnica da região. Outra mudança na cultura local foi a entrada no mercado de trabalho, pela primeira vez, de centenas de milhares de mulheres. Esses recém chegados adicionaram cor e tempero à cultura local e demandaram novas instituições para lidar com a nova diversidade cultural.

Três nomes em especial são responsáveis pela introdução de temas que ultrapassam as preocupações regionalistas no oeste: Walter Van Tilburg Clark, A.B. Guthrie Jr. e Wallace Stegner. *The Ox-Bow incident* (1940), de Clark, descreve as conseqüências da violência e do preconceito mal direcionados e contesta a aceitação do vigilantismo por Wister em *The Virginian*. Em outros romances, como *Track of the cat* (1949) e em muitos de seus contos, Clark revela suas preocupações ecológicas e clama por uma remitologização do oeste. Com *The big sky* (1947), *The way west* (1949), ganhador de um Prêmio Pulitzer, *These thousand hills* (1956), *The last valley* (1975), *Fair land, fair land* (1982), entre várias outras obras, Guthrie Jr. mostra-se um grande defensor da natureza, criticando as técnicas mineradoras, os fazendeiros e os políticos como egoístas e ambiciosos, mais interessados em lucros e “progresso” do que em conservação ambiental. Stegner é notável por suas publicações abrangendo história, biografia,, romance e por ser um porta-voz ativo da causa ambiental. *The Big Rock Candy Mountain* (1943) inicia um mapeamento das mitologias que prejudicavam os *westerners*. *Angle of repose* (1971), ganhador do Prêmio Pulitzer, coloca uma esposa artista contra um marido minerador, dramatizando os conflitos entre o velho e o novo oeste.

A geração seguinte apresenta várias escritoras preocupadas com a mulher no oeste e sua relação com etnia e imigração, como Mary Austin, Willa Cather e Mari Sandoz, mas somente após os anos 1960 é que as perspectivas feministas chegam definitivamente à região. Marlynne Robinson, em *Housekeeping* (1981), e Bárbara Kingslover, em *Animal Dreams* (1990) ou *Pigs in heaven* (1993), apresentam extraordinárias personagens femininas em busca de auto-compreensão e desejo de liberar-se dos cenários da tradição regional.

Assim como as mulheres, escritores de várias etnias forçam os estadunidenses a reconsiderarem sua visão do oeste ao oferecerem outras perspectivas: ameríndias, com John Oskison, D'Arcy McNickle, Frank Waters, Scott Momaday, James Welch, Leslie

Marmon Silko Louise Erdrich; hispânicas, com Rudolfo Anaya, Tomás Rivera, Denise Chavez; asiáticas, com as chinesas Maxine Hong Kingston e Amy Tam, ou áfrico-americanas, com Terry MacMillan. *House made of dawn* (1968), de Scott Momaday, outro ganhador do Prêmio Pulitzer, *Winter in the blood* (1974), de Welch, e *Ceremony* (1977), de Silko, são documentos pessimistas sobre as tensões e acomodações multiculturais da região. *Bless me Última* (1972), de Anaya permanece um clássico da literatura chicana, rica em personagens memoráveis e detalhes étnicos.

Edward Abbey e William Eastlake são mais estridente em suas críticas e suas denúncias de políticos, especuladores imobiliários e investimentos turísticos, programas governamentais e outros tantos fatores de destruição da cultura e da natureza do oeste. Em *The monkey wrench gang* (1975), Abbey despacha seus *echo-raiders* para sabotar trens, barragens, obras e equipamentos de todos os tipos. Em *Dancers in the Scalp House* (1975), Eastlake rende homenagem à cultura navajo prestes a desaparecer sob uma imensa barragem construída para abrigar um complexo turístico.

Também são notados grupos sub-regionais, como Richard Bradford, John Nichols e Tony Hillerman em Taos e Santa Fé e outras partes do sudoeste. *The Milagro Beanfield War* (1974), de Nichols, é uma sátira gentil ao multiculturalismo novomexicano que acaba nas telas de cinema, estrelado por Robert Redford e Sonia Braga representando as comunidades anglo e hispânica em guerra sobre um vital riacho. A sub-cultura Okie (de Oklahoma), tem Steinbeck e Gerald Haslam como representantes, enquanto a região de Montana aparece nas obras de Welch e Mary Clearman Blue. Imigrantes de Shangai aparecem representados por Norman Mclean, Annick Smith e David Long. Tom Robbins, Ursula LeGuin, Graig Leslie e uma infinidade de outros autores retratam o Pacífico Norte, enquanto a fronteira mexicana, ao sul, enfatiza os conflitos e os controvertidos legados de ambos os países em *Pocho* (1959), de José Antonio Villareal, por exemplo. Após a Segunda Guerra, multiplicam-se os representantes asiáticos com as figuras de Carlos Bulosan e John Okada, filipino e japonês, respectivamente.

Algumas criações pós-regionais ecoavam as ênfases pós-modernistas, como a crítica da cultura americana pós 1960, onde a diversidade, a complexidade, a fragmentação e a desunião eram mais características do que o consenso e o capitalismo democrático. Joan Didion foi uma das escritoras que apontou a falta de uma cultura com um centro reconhecível nos Estados Unidos da época.

O pós-regionalismo do oeste foi mais do que isso devido à preponderância de vozes ameríndias, hispânicas e asiáticas, houve um reordenamento das representações locais e até um desafio aos mitos hegemônicos do “velho oeste”. Para escritoras como Marilynne Robinson, Glenda Riley e a artista Judith Baça, esses mitos tradicionalmente masculinos precisavam ser destruídos, enquanto o romancista Edward Abbey, com historiadores como Richard White e Donald Worster clamavam por um oeste mais realista. As revisões dos mitos tradicionais do velho oeste ficam evidentes em todas as áreas: poesia, não-ficção, música e arquitetura e até nos filmes de faroeste. *High Noon* e *Shane* dão lugar a anti-clássicos como *Butch Cassidy*, *The Sundance Kid*, *The Wild Bunch* e *Pequeno Grande Homem* nos anos de 1969 e 70, culminando com o filme premiado com o Oscar, *Unforgiven*, de 1992.

No Brasil, com a comemoração, a partir de 2003, dos 100 anos do *faroeste* como gênero cinematográfico, vários filmes “clássicos” foram re-editados em DVD. Alguns livros sobre o assunto também surgiram para marcar a data. *100 anos de Faroeste* (2004), escrito por Primaggio Mantovani, um italiano radicado no Brasil, não é uma análise acadêmica do gênero, mas uma obra de aficionado. Dividido em sete capítulos, narra a gênese do gênero até produções do ano de 2003, detendo-se em todos os caubóis míticos e ícones como o ator John Wayne e o diretor John Ford, abordando ainda faroestes europeus e séries de televisão. A.C. Gomes de Matos reúne um impressionante arquivo de dados sobre o gênero em *Publique-se a lenda: a história do western* (2005) onde comenta e fornece sinopses de 225 filmes. Gomes de Matos também revela fatos engraçados sobre a “tradução” dos títulos de *westerns* mais antigos para o português, em geral feitos pelos distribuidores para vender melhor seu produto, raramente correspondendo ao original. *Os melhores contos de faroeste* (Ed. José Olympio, 2004), é uma antologia, organizada por John E. Lewis. Para Lewis, o oeste é o próprio mito estadunidense, que encontra sua identidade nacional na história do oeste, mas encontra eco mundial, ou o faroeste não teria tantos espectadores até os dias atuais. A antologia estabelece uma evolução do faroeste como gênero literário, de ficção breve a obra mais densa. A obra apresenta “Vinho do deserto”, de Max Brand, “Canyon todo de ouro”, de Jack London e também trechos de obras mais longas como “O caminho do oeste”, de *Roughing it*, de Mark Twain, e “Soldado só”, de *Arrow in the sun*, de Theodore V. Olsen. A antologia inclui autores adaptados por Hollywood, como “Os proscritos de Poker Flat” e “Um homem chamado cavalo”. A antologia exclui Louis Lamour, o mais

popular dos escritores de faroeste de todos os tempos, mas inclui o segundo mais popular, Zane Grey, com o conto “O patrulheiro”.

No Brasil os temas do faroeste renasceram recentemente com duas novelas produzidas pela Rede Globo, *América* e *Bang Bang*, responsáveis também pela divulgação dos chapelões, cintos, camisas xadrez, botas e franjas que tomaram de assalto os lançamentos de moda outono-inverno. Aliás, as universais calças *jeans* surgiram no oeste dos Estados Unidos, onde Levi Strauss (também conhecido como Lœb ou Leo Strauss) inventou resistentes macacões de algodão azul escuro para os mineiros.

A HBO estadunidense lançou recentemente duas séries sobre o faroeste: *Deadwood*, em 2004, uma série ambientada no território da Dakota de 1870. A hoje cidade real era um barrento acampamento de mineiros e a bela recriação histórica dá uma boa idéia de como era a vida no Velho Oeste e apresenta tipos famosos como Wild Bill Hancock e Calamity Jane. E *Into the west* (2005), produzida por Steven Spielberg, um épico bastante estereotipado, composto de seis filmes de duas horas produzidos por diretores diferentes que acompanham, entre 1825 e 1890, acompanha a vida de duas famílias em busca do sonho americano.

O faroeste pode ter perdido para as batalhas intergalácticas de Guerra nas Estrelas, que usa *leit motifs* claros do faroeste, o surrealismo da MTV, o pulsar eletrônico dos vídeo games e a banalização do cenário selvagem pela propaganda. No entanto, continua influente e em plena renovação. Em filmes como *Dança com lobos* (1990) e *Open range* (2003), de Kevin Costner, *Ned Kelly*, uma cinebiografia do famoso bandoleiro, filmado na Austrália e protagonizado por Mick Jagger. O *spaghetti western* também continua vivo nos paródicos *800 balas* (2000), do espanhol Alex de La Iglesia, e *Era uma vez no México* (2003), do texano Robert Rodriguez. A estética do faroeste projeta-se ainda em filmes de ação como *Kill Bill* (2003), de Quentin Tarantino, e *O último Samurai* (2003), estrelado por Tom Cruise.

A Austrália parece como um pólo ativo de produção de faroestes, com *The road warrior* (1981) e *The man from Snowy River* (1982). O Canadá marca presença com *The grey fox* (1982), a história de um velho assaltante de diligências que ao ser liberado da prisão, ruma para o Canadá e torna-se assaltante de trens. Nos Estados Unidos a renovação do faroeste produz *A balada de Gregório Cortez* (1982), sobre um incidente de 1901 no Texas, onde um chicano pobre é enforcado por engano após uma tradução equivocada de seu depoimento.

ABSTRACT: This article presents a wide view of the history of the conquest and colonization of the Usian west that begins in the 17th century and comes all the way to the 21st. It covers the differences among several periods, eleven states and part of the human diversity. The western refers to a cinematographic and narrative genre that in its traditional form addresses only what is now known as "the old west". The evolution from frontier to region and postregion is plentifully registered in literature, painting and film, as well as in many essays that follow the integration of Europeans, Native populations and immigrants and the identity questions that continue to incite and at the same time revise the myths and stereotypes of the region which established many distinctive traits of America in the global imagination.

KEYWORDS: Far West. Western. Frontier. Region. Post-regional.

Referências

- BOLD, Christine. *Selling the Wild West: popular western fiction, 1860-1960*. Bloomington: Indiana University Press, 1987.
- ETULAIN, Richard, ed. *Writing western history: essays on major western historians*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1991.
- _____. *Re-imagining the modern American west. A century of fiction, history and art*. Tucson: The University of Arizona Press, 1996.
- FRAYLING, Christopher. *Spaghetti westerns: cowboys and Europeans from Karl May to Sergio Leone*. London: Routledge & Kegan Paul, 1981.
- HARDY, Phil. *The western*. New York: Willian Morrow, 1983.
- JACOBS, Wilbur. *On Turner's trail: 100 years of writing western history*. Lawrence: University Press of Kansas, 1994.
- JEFFREY, Julie Roy. *Frontier women: the trans-Mississippi west, 1840-1880*. New York: Hill & Wang, 1979.
- JENSEN, Merrill, ed. *Regionalism in America*. Madison: University of Wisconsin Press, 1965.
- JUNQUEIRA, Maria. A visão da América latina na Revista Seleções do Reader's Digest. In Raízes e rumos. Sonia Torres, org. Rio de Janeiro: Viveiros de castro editora, 2001, pp. 126-133.
- KNAUSS, Paulo, org. *Oeste americano: quatro ensaios de história dos Estados Unidos de Frederick Jackson Turner*. Niterói: EdUFF, 2004. Vol. 1.
- _____, org. Frederick Jackson Turner. Niterói: EdUFF, 2005.
- NASH, Gerald D. *The American west transformed: the impact of the Second World War*. Bloomington: Indiana University Press, 1985.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. A América e a fronteira. In *Americanos; representações da identidade nacional no Brasil e nos Estados Unidos*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000, p. 127-148.
- SLOTKIN, Richard. *Regeneration through violence; the mythology of the American frontier, 1600-1890*. Middletown, CT: Wesleyan University Press, 1973.
- _____, *The fatal environment*. New York: Atheneum, 1986.
- STEGNER, Wallace. *The sound of mountain water*. 1969.
- TAYLOR, Golden J., LYON, Thomas J, et al, eds. *A literary history of the American west*. Forth Worth: Texas Christian University Press, 1982.
- TRUETNER, William H., ed. *The west as America: reinterpreting images of the frontier*. Washington, D.C: Smithsonian Institution Press, 1991.